

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0298-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.985221507>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3*, apresenta, em seus treze capítulos, diferentes pesquisas nos campos linguístico, literário e artístico, com trabalhos que cortejam o título do volume. Esse reúne às artes as letras e a linguística, visando alcançar possíveis repercussões e ressonâncias, o que acontece, de fato, nos estudos selecionados para compô-lo.

Assim, há trabalhos que apresentam, como *corpus*, produções artístico-literárias de Yuyi Morales, Glenn Ringtved e Ricardo Azevedo, no capítulo que aborda as narrativas sobre morte para crianças. Temos, ainda, a arte latino-americana como objeto de estudo, além da obra de Cecilia Paredes. Há, também, o cortejo de um curta-metragem de Roberto Ribeiro e Fernando Alves, além de uma investigação sobre o mito originário do *ikwasiat*. Por fim, contempla-se também o filme *A origem dos guardiões* como *corpus* nessa coletânea.

Outrossim, temos trabalhos que têm como *corpus* a gramática da Língua Portuguesa, seja cortejando sua função no ensino de leitura na língua materna, abordando também a investigação da disputa por originalidade das primeiras gramáticas espanholas e portuguesas. Por fim, há os trabalhos que contemplam a semântica, a implementação da BNCC em sala de aula e o funcionamento de discursos políticos.

Portanto, o livro de que falamos colabora para o enriquecimento não só dos campos da literatura, do cinema e das artes, como também da linguística, da gramática e do ensino. Em outras palavras, é uma rica contribuição para as Ciências Humanas e abre caminho para formação de novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos, pós-graduados, professores e a todos que se interessem pelas diferentes abordagens metodológicas que atravessam o universo das humanidades nesse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### A FINITUDE EM TEXTOS NARRATIVOS PARA CRIANÇAS

Regina Chicowski

Luana Talita Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215071>

### **CAPÍTULO 2..... 17**

#### AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS: DISPUTAS PELA ORIGINALIDADE

Cinthia Aparecida Lemes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215072>

### **CAPÍTULO 3..... 29**

#### A GRAMÁTICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Walisson Dodó

Denise Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215073>

### **CAPÍTULO 4..... 46**


#### MAFALDA: REPRESENTAÇÃO FEMININA E INTERTEXTUALIDADE

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Vivianne Caldas de Souza Dantas

Daniela Katêrine de Oliveira

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215074>

### **CAPÍTULO 5..... 54**


#### A NOÇÃO DE VAGUEZA E POSSÍVEIS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Antônio Carlos Gomes

Bruno Henrique Castro de Sousa

Roberta de Oliveira Tropiano Barros D'ávila

Rudner Merotto Di Rubim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215075>

### **CAPÍTULO 6..... 77**

#### IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A CONCRETIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS SALAS DE AULA

Márcia Moreno

Paulo Fioravante Giaretta


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215076>

### **CAPÍTULO 7..... 88**

#### MIMETISMOS E ENCOBRIMENTOS COMO MODO DE RESISTÊNCIA CONTRA A

MESMIDADE DO “EU”, NA SÉRIE “PAISAJES”, DE CECILIA PAREDES

Karine Perez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215077>

**CAPÍTULO 8..... 97**

DAS VANGUARDAS À GLOBALIZAÇÃO: A ARTE LATINO-AMERICANA E A BUSCA POR IDENTIDADE

Tatiana Carence Martins


Aurélio Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215078>

**CAPÍTULO 9..... 104**

O ABANDONO DE CRIANÇA EM LIXÕES: UMA ANÁLISE SOCIO-SEMIÓTICA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA LINGUAGEM FÍLMICANA AMAZÔNIA

Rosanne de Castelo Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215079>

**CAPÍTULO 10..... 116**

UM FILME EM DOIS TEMPOS: A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

Ana Maria Ferraz de Matos Mendes


Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150710>

**CAPÍTULO 11..... 130**

OMITO DE ORIGEM DO *IKWASIAT*: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE E CONHECIMENTO


Heidi Soraia Berg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150711>

**CAPÍTULO 12..... 147**

O FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS POLÍTICOS


Rita de Cássia Constantini Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150712>

**CAPÍTULO 13..... 158**

DESVELANDO E ANALISANDO PROCESSOS DE TRANSCRIÇÃO INTERPRETATIVA DO CANTOR

Lucila Tragtenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150713>

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 169**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 170**

# CAPÍTULO 5

## A NOÇÃO DE VAGUEZA E POSSÍVEIS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA

*Data de aceite: 04/07/2022*

### **Antônio Carlos Gomes**

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor titular do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, docente permanente do Mestrado Profissional em Humanidades e do Mestrado em Letras - Profletras. Coordenador do curso de Licenciatura em Letras Português EaD <https://orcid.org/0000-0001-7441-727X>

### **Bruno Henrique Castro de Sousa**

Professor da rede pública de Ensino dos Estados de MG e ES, é Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – IFES

### **Roberta de Oliveira Tropiano Barros D'ávila**

Graduanda em Licenciatura em Letras/Português pelo IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória

### **Rudner Merotto Di Rubim**

Graduando em Licenciatura em Letras/Português pelo IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória

**RESUMO:** O presente estudo de Semântica é uma pesquisa que tem por objetivo entender e problematizar a noção de vagueza na língua e refletir sobre o seu uso em sala de aula. Ele inicia com uma investigação bibliográfica de natureza qualitativa e segue analisando atividades de linguagem elaboradas para usar com alunos da educação básica. Ancora-se em

autores como Chierchia, Cançado, etc. para estabelecer o marco semântico; e em Franchi, Cumpri, Rezende etc. para remeter às operações de linguagem e à Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas, de Culioli. Por fim, entendemos que a vagueza é constitutiva da linguagem, recobre toda palavra fora de contexto e permanece em algumas palavras dentro do contexto. Ela pode ser usada tanto para substituir uma palavra que falta ao enunciador quanto para omitir intencionalmente uma informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica; vagueza; ensino; epilinguística; linguagem.

### (THE NOTION OF VAGUENESS AND POSSIBLE LANGUAGE OPERATIONS IN THE CLASSROOM)

**ABSTRACT:** The present study of Semantics is research that aims to understand and problematize the notion of vagueness in language and reflect on its use in the classroom. It starts with a bibliographic investigation of a qualitative nature and goes on to analyze language activities designed to be used with basic education students. It is anchored in authors such as Chierchia, Cançado, etc. to establish the semantic framework; and in Franchi, Cumpri, Rezende, etc. to refer to language operations and to Culioli's Theory of Predicative or Enunciative Operations. Finally, we understand that vagueness is constitutive of language, covers every word out of context and remains in some words within the context. It can be used both to replace a word that the speaker is missing and to intentionally omit information.

**KEYWORDS:** Semantics; vagueness; teaching;

## 1 | INTRODUÇÃO

Será que todas as palavras utilizadas por um enunciador informam e possibilitam entender com precisão o que foi dito? Nessa questão se localiza o problema que motivou nosso estudo: a vagueza nas representações. Nosso principal objetivo é entender e problematizar a noção de vagueza na língua(gem)<sup>1</sup> e analisar seu uso em sala de aula, refletindo principalmente sobre algumas operações de linguagem que, consciente ou inconscientemente, exploram tal noção.

Utilizamos como referencial a Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli<sup>2</sup>, por meio de textos escritos em Português por autores ou pesquisadores que se ancoraram nessa teoria. O conceito de linguagem que norteia o trabalho é o da TOPE, ou seja, a linguagem é operação de regulação (ou equilíbrio), operação de referenciação e operação de representação. Essas operações são concomitantes e indissociáveis. Quanto ao conceito de noção, conforme essa mesma teoria, chamamos de noção o feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio da nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados.

Em princípio, entendemos que toda representação (palavra ou expressão) tem sempre a noção vaga ou ambígua quando está fora de um contexto enunciativo. Dentro do enunciado, a representação pode permanecer totalmente vaga ou guardar alguns traços de vagueza. Este estudo (artigo) reflete sobre essa noção de vagueza, suas ocorrências e como se organiza dentro de um domínio da própria noção.

Discutir a noção de vagueza é também entender o funcionamento da língua(gem), um dos papéis do ensino de Língua Portuguesa. Por isso, verificamos uma possibilidade de trabalho com a vagueza em atividades na sala de aula por meio de operações de linguagem. Acerca de tais exercícios, fizemos adaptações em alguns propostos pelo autor Agostinho Dias Carneiro e pelo professor pesquisador Bruno Henrique Castro de Sousa. Acreditamos que essas propostas de manipulação da língua(gem) estejam adequadas a uma abordagem epilinguística. Segundo Franchi,

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. [...] Por um lado, ela se liga à atividade linguística, à produção e à compreensão do texto, na medida em que cria as condições para o desenvolvimento sintático dos alunos: nem sempre se trata de “aprender” novas formas de construção e transformação das expressões; muitas vezes se trata de tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas

1 Usamos no texto a grafia língua(gem) ou, às vezes, (língua)gem porque para na teoria base do nosso estudo (TOPE) não há distinção entre esses dois termos, ou melhor, todo o estudo de língua é articulado à noção de linguagem.

2 Não utilizamos especificamente uma obra do autor, por isso não referenciamos o ano de publicação.

Dessa forma, é sob a perspectiva de abordagem da língua(gem) defendida por Franchi que evidenciamos as atividades nas quais se discute a noção de vagueza em sala de aula ou no ensino da língua. Vale destacar que, segundo Rezende (2008),

[...] trazer a atividade epilingüística para a sala de aula é extremamente importante, e a escola passa a ter o seu papel, que é ensinar o aluno a pensar o seu pensar, atividade esta que traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e auto-conhecimento e descentralização (alteridade ou conhecimento do outro) (REZENDE, 2008, p. 96-97).

No estudo, partimos de uma investigação bibliográfica de natureza qualitativa, fazendo ancoragem em autores como Chierchia, Cançado, etc. para estabelecer o marco semântico; e em Franchi, Cumpri e Rezende etc. para remeter às operações de linguagem e à TOPE, de Culioli. Na sequência, analisamos algumas atividades de linguagem destinadas a estudantes da educação básica.

Para uma melhor apresentação, o artigo está organizado em cinco seções. Nesta seção, a primeira, apresentamos a introdução. Na segunda seção, apresentamos um breve referencial teórico, revisando a literatura de estudos realizados e abordando conceitos da vagueza na língua. Na terceira seção, falamos sobre o domínio nocional, uma das facetas da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Na seção quatro, classificamos os tipos de vagueza presentes na vida cotidiana de todos os indivíduos falantes. Na quinta seção, descrevemos algumas atividades de linguagem envolvendo noções de vagueza. E, por fim, na sexta seção fazemos nossas considerações finais.

## 2 | ALGUNS CONCEITOS DE VAGUEZA NA LINGUAGEM

O que seria a noção de vago ou de vagueza na linguagem? Segundo o critério dado por Aristóteles, em Segundos Analíticos Livro II<sup>3</sup> (2002), uma palavra que possui muitos significados e definições pode ser considerada vaga. Tal filósofo foi o primeiro a fazer essa referência, de acordo com o conhecimento do indivíduo em relação à significância da palavra.

Diante desse pensamento, a vagueza seria então caracterizada pelo excesso ou pela ausência de significados em uma palavra. De uma forma preliminar, podemos admitir que qualquer representação antes de ser localizada em um enunciado é uma noção vazia, vaga. Com isso, o nosso primeiro entendimento é de que o contexto enunciativo é que recobre ou preenche o sentido vago de qualquer noção.

Cançado (2008) analisa vários fenômenos semânticos como: homonímia, polissemia, ambiguidade e vagueza. Isso ocorre quando um indivíduo atribui sentido a uma palavra baseado em seu conhecimento prévio. Em sua análise, tal autora cita que “tanto a vagueza

<sup>3</sup> Traduzido por Lucas Angioni, 2002, p. 27

quanto a ambiguidade possuem um eixo semântico associado a expressões que fazem referência apenas de uma maneira aproximada, entretanto a ambiguidade fornece sentido dentro das próprias orações” (CANÇADO, 2008, p. 60).

A vagueza dos sentidos das palavras é analisada por Cançado (2008) por meio de testes, esses consistem em elaborar várias frases com diferentes contextos a fim de se observar a quantidade de sentidos possíveis, como demonstrado abaixo:

- a. Paulo quebrou o vaso com um martelo.
- b. Paulo quebrou o vaso com o empurrão que ele levou.
- c. Paulo quebrou sua promessa.
- d. Paulo quebrou a cabeça no acidente.
- e. Paulo quebrou a cabeça com aquele problema.
- f. Paulo quebrou a cara.
- g. Paulo quebrou a empresa.

Fonte: CANÇADO, 2008, p. 60

Com essas frases, Cançado (2008) analisa o sentido da palavra “quebrar” em cada uma das sentenças, conferindo, respectivamente, os seguintes significados para essa palavra: estilhaçou, partiu, falhou, se feriu, tendo dificuldade, passou vergonha e falir. Entretanto podemos ampliar ainda mais os significados da palavra “quebrar” como se observa em:

- h. Paulo quebrou a esquerda. Virou.
- i. Paulo quebrou o silêncio. Interrompeu.
- j. Paulo quebrou o protocolo. Burlou as regras.
- k. Paulo quebrou o coração da gente. Comover.
- l. Paulo quebrou o arquivo em várias partes. Fragmentou.

Fonte: exemplos produzidos pelos autores desta pesquisa

Cançado (2008) mostra, com sua análise, que nenhuma palavra isoladamente possui sentido definitivo, ou seja, o “quebrar”, ao mesmo tempo que possibilita uma ancoragem a vários referentes, de acordo com o contexto, se observado isoladamente, teria uma incompletude que torna seu sentido vago. Com isso, entendemos que o significado que recobre determinada vagueza pode ser também fornecido por outras predicções presentes no enunciado.

Chierchia (2003) é um dos autores referenciados por Cançado e, para ele, a vagueza pode ser especificada por meio de informações no contexto da comunicação ou na referencialidade que ambos os locutores possuem. De acordo com esse autor,

Se, por outro lado o contexto não nos oferecer nenhuma razão para escolher umas das interpretações possíveis, ou se os falantes estiverem em desacordo

sobre que critérios usar, então continuaremos indecisos: não saberemos atribuir um valor de verdade (CHIERCHIA, 2003, p. 225).

Nas palavras de Chierchia (2003), o objetivo do ato linguístico não é apenas a mera troca de informações, a língua permite utilizarmos uma mesma sentença para os mais diversos fins, pois as expressões possuem uma infinidade de mensagens além do seu significado literal. Para esse autor, o homem só sobreviveu graças a sua tendência de sempre dizer a verdade, a qual o interlocutor, ao receber a mensagem, tende a acreditar, porém após uma análise da veracidade da informação utilizando o seu conhecimento e o senso comum sobre essa mesma informação.

Um exemplo para vagueza apresentado por Chierchia (2003) é o seguinte diálogo:

A: Hugo é alto. B: Como alto? Ele não tem nem 1,65m. A: Mas eu estava pensando alto para um jôquei.
---

Fonte: CHIERCHIA, 2003, p. 66.

Esse diálogo mostra que a noção de altura pode variar de acordo com quem fala. O interlocutor A analisa em comparação com a altura de um jôquei típico - a média de altura entre os jôqueis é entre 1,47m e 1,68m. Logo, essa afirmação não deixa de ser verdade, porém o interlocutor B analisa baseado na própria altura. Não há uma referência explícita no texto de que as pessoas julgam a altura dos outros baseadas em sua própria, mas subentende-se que isto é algo natural nas pessoas, analisar o mundo utilizando seus próprios parâmetros ou modelos típicos como referência.

Chierchia (2003) apresenta um outro exemplo que reproduzimos a seguir:

A: Poucos rapazes fumam. B: Como poucos? São seis em dez. A: Sim, mas antes neste bar fumava todo mundo.
--

Fonte: CHIERCHIA, 2003, p. 108.

Neste diálogo, o critério utilizado pelo interlocutor A é que no passado todos fumavam e atualmente quatro deixaram de fumar e que, pela dificuldade que as pessoas possuem para abandonar esse vício, esses números representam uma vitória. Já o interlocutor B analisa o número atual de fumantes contrastando com o número total de pessoas no bar. Ambas as afirmações estão corretas, mesmo tendo esse ruído na comunicação.

Vale salientar que a utilização das palavras “poucos” e “muitos”, mesmo apresentando uma vagueza estrutural, são de grande utilização para a comunicação, como destaca Chierchia:

Palavras vagas como poucos ou muitos são extremamente úteis de um

ponto de vista comunicativo. Elas nos permitem graduar a fala e dizer coisas definidas mesmo quando não existam critérios claros de demarcação (CHIERCHIA, 2003. p. 109).

As palavras “poucos” e “muitos” nos ajudam no processo comunicativo quando precisamos mensurar certa quantidade e não temos um número preciso da quantidade total. Nesse contexto, julgamos que aproximadamente menos da metade do total é pouco e acima disso é muito.

Nessa perspectiva, tanto Chierchia (2003) quanto Cançado (2008), retomando o trabalho daquele autor, apresentam testes utilizando o Paradoxo de Sorites ou Paradoxo do Monte, que foi criado por Eubulites de Mileto, um filósofo grego da Escola Megárica, como base para analisar e mensurar a vagueza de determinados predicados/palavras. Tal teste consiste em uma série de condicionais e induções matemáticas que satisfazem uma verdade, como por exemplo: qual a quantidade de grãos de areia entre um e um milhão que é um monte de areia? Uma maneira comum de apresentar o problema do Paradoxo de Sorites é

1. $Pa_1$
2. se $Pa_1$ , então $Pa_2$
3. se $Pa_3$ , então $Pa_4$
...
<u><math>n</math>. se <math>Pa_{n-1}</math>, então <math>Pa_n</math></u>
$Pa_n$

Fonte: CHIERCHIA, 2003, p. 109.

Nessa fórmula, “ $P$ ” é qualquer predicado vago (criança, careca, gordo, alto, cor, etc.), “ $a_1$ ” é um sujeito seguido de um número (uma pessoa com  $N$  idade ou uma pessoa com  $N$  fios de cabelo). Se lê  $Pa_n$  como uma pessoa com  $N$  fios de cabelo é careca ou uma pessoa com  $N$  idade é criança. Dessa forma, o Paradoxo de Sorite é utilizado ao se analisar as palavras/predicados que possuem certo nível de vagueza, mesmo sua referencial idade estando dentro do contexto. Assim, qualquer pessoa, tendo contato com uma frase, analisa a sentença decompondo-a, como no exemplo:

1) João é alto e Maria não.

Nesse enunciado, o coenunciador, que não conhece Maria nem João pessoalmente, ao se deparar com tal frase, analisa que o João tem uma estatura maior que a de Maria, porém qual seria a estatura correta de João e de Maria? João poderia medir 1,50m, sendo essa estatura baixa para a média brasileira, assim como poderia medir 2,00m. Já Maria poderia medir apenas 5cm a menos que João, se João medir 1,85m, Maria teria 1,80m sendo que essa estatura não é baixa em relação aos brasileiros. E se formos comparar essas estaturas com a de um time de basquete, ambos são baixos. Logo, a sentença pode ser aceita como uma verdade ou como uma inverdade, dependendo da referência de cada



pessoa.

Soares (2009) aponta que definir a Vagueza na linguagem não é tão simples. De acordo com o autor, a polissemia possui problemas desde sua definição e da estrutura categoria polissêmica para se identificar o que é polissemia, monosssemia e vagueza. Os problemas estruturais envolvem questões qualitativas e quantitativas, pois os testes de diferenciação de sentidos podem “*puxar*” o significado tanto para “*cima*” (abordagem monosssemista) quanto para “*baixo*” (abordagem polissemista), ou seja, reconhecer o significado das palavras é um processo flexível e dinâmico (SOARES, 2009, pag. 354).

Pinheiro (2010) aborda a multiplicidade semântica da vagueza através do modelo de Tuggy, o qual busca uma formulação para abranger todos os usos associados a uma palavra, sem misturar o conceito de outras palavras semanticamente próximas. Segundo tal autor,

[...] homonímia, polissemia e vagueza não constituem categorias estanques; antes, equivalem a pontos em um continuum de proximidade/afastamento semântico cujos extremos corresponderiam, de um lado, à situação na qual dois sentidos associados à mesma forma não guardam qualquer relação semântica (homonímia) e, de outro, à situação em que duas acepções são tomadas como mínimas variações contextuais de um único sentido (vagueza) (PINHEIRO, 2010, p. 04).

De acordo com Pinheiro, esse modelo traz avanços significativos ao estudo da multiplicidade semântica, porém não aborda a realidade, pois deixa de utilizar uma abordagem empírica associada aos indivíduos. Para ele,

[...] como ter certeza de que o falante de fato armazena e/ou reconhece todas as representações conceptuais postuladas nas redes radiais? Em outras palavras, como saber se as redes propostas refletem efetivamente o conhecimento do falante, ou se apenas traduzem a capacidade de observação do analista? (PINHEIRO, 2010, p. 03)

Ao abordar sobre vagueza, Souza (2017) defende em sua tese que atualmente as atividades de produção e interpretação de sentidos são predominantemente linguísticas e focam apenas em conhecimentos linguísticos e enciclopédicos. Ele destaca que as variações de sentido, significado e significação são analisadas no campo da semântica, entretanto não há critérios científicos precisos ao se analisar essas características. De acordo com esse autor,

Não só existem vários ramos diferentes de abordagem para o significado, como também há várias formas de conceituar “significado” em Semântica. [...] ao discutir sobre a complexa e difícil tarefa de se responder à pergunta “o que é mesmo o significado?”, diz que ainda não dispomos de critérios científicos precisos para que dominemos completamente essa questão (SOUZA, 2017, p. 37).

Já Oliveira (2018) relata que quando os processos linguísticos são caracterizados por uma indeterminação de sentido geram a ambiguidade e a vagueza, sendo que a

ambiguidade se trata de dois ou mais sentidos para a mesma palavra e a vagueza como um caso mais complexo de indeterminação de sentido, sendo um termo genérico que precisa de um contexto para ser explicado. Na fala desse autor,

Em geral, o registro da ambiguidade [...] se dá quando uma forma assume mais de um sentido podendo ser de base comum ou não. Relembrando que, por ser tratar de um fenômeno que se comporta como vários sentidos para uma mesma forma, situa-se em condição opositiva da sinonímia (OLIVEIRA, 2018, p. 59).

O conceito de vagueza pode ter algumas variações de autor para autor, porém todos apontam para uma indeterminação imbricada no termo, exemplificando, formalizando conceitos e destacando fundamentos. No entanto, há um tema – o domínio nocional – que merece nosso destaque por se tratar de um dos estudos dessa teoria que, para nós, fundamenta a abordagem epilinguística, ou seja, a Teoria das operações Predicativa ou Enunciativas (TOPE).

### 3 | VAGUEZA E DOMÍNIO NOCIONAL

Quando falamos sobre Vagueza e a direcionamos para as operações de linguagem, julgamos fundamental estabelecer algumas correlações dentro dos estudos do Domínio Nocional. Um dos elementos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), do linguista francês Antoine Culioli. A teoria de Culioli sempre trabalha a língua articulada à linguagem, entendendo esta como operações de representação, referência e regulação.

Mais uma vez ressaltamos que no nosso estudo não reportaremos diretamente a textos de Culioli; trabalharemos ancorados em pesquisadores brasileiros que se filiam à teoria desse linguista, tais como: Cumpri, Franchi, Rezende, Gomes etc.

Cumpri (2008) argumenta que o texto é uma sequência de representações que resultam em um conjunto de operações em busca da construção de sentidos. Segundo esse autor, na interação utilizam-se palavras que podem possuir ou não o mesmo sentido para os enunciadores e, neste caso, toda palavra pode se tornar vaga, por mais precisa que ela seja. O autor ressalta também que o enunciador possui referências pré-construídas, baseadas na cultura e no seu conhecimento léxico e semântico, porém, muitas vezes, essas referências não são as mesmas do coenunciador.

Ainda de acordo com sua teoria, o autor descreve a noção como um conceito dos níveis das representações mentais, ou seja, quando pensamos, falamos ou ouvimos palavras fazemos uma análise mental de sua representação física, assim como realizamos toda uma análise prévia baseada em nossos conhecimentos do mundo físico, antropológico, pressuposições culturais e valor (positivo ou negativo) de modo que

[...] cada termo dentro de uma língua natural refere-se a um número de propriedades físico-culturais não necessariamente universais; portanto, elas variam de uma cultura para outra, de uma matéria para outra. Isso fica mais

evidente ainda no domínio das categorias gramaticais (gênero e número por exemplo) nas quais certas operações são encontradas em todas as línguas por serem ou de ordem extralinguística ou por estarem associadas à linguagem (CUMPRI, 2008, p. 40).

Entretanto, se a palavra/termo estiver ausente de referências ou se os interlocutores não tiverem uma ancoragem lexical pré-estabelecida anteriormente, o interlocutor irá remeter os termos a muitas representações mentais, tornando-os vagos.

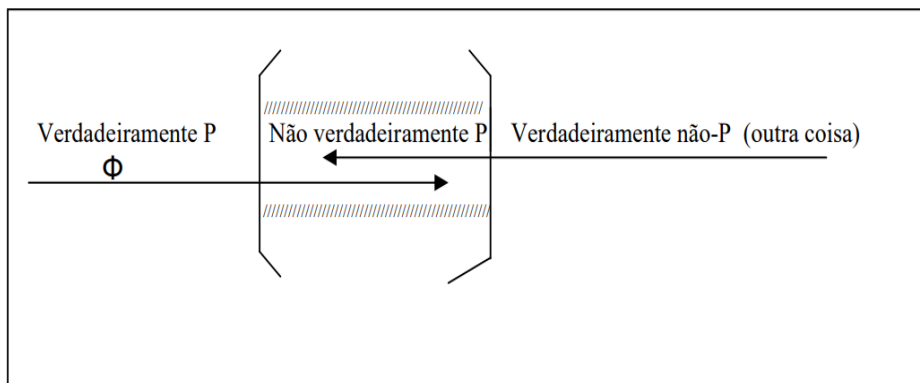
Segundo Cumpri (2008), o problema começa em analisar as representações mentais apenas através das palavras, ignorando o contexto, o referencial extralinguístico, as ocorrências empíricas e o conhecimento antropológico e cultural, pois as palavras funcionam como um mecanismo de iniciação da noção, mesmo a palavra e a noção não possuindo qualquer nível de equivalência entre si.

[...] são justamente as ocorrências de noções que proporcionam todo este trabalho feito por ocasião desta preocupação, pois para ele, são as palavras e os textos que nos dão acesso às noções, embora, como já dissemos várias vezes neste texto, não há qualquer equivalência entre palavra e noção. Aliás, esta é uma grande característica das noções: a falta de equivalência entre elas e as significações que as representam (CUMPRI, 2008, p. 50).

Segundo Gomes (2007), o domínio nocional é uma representação sem materialidade ou cuja materialidade é inacessível ao linguista. Culioli refere-se a esse domínio propondo um conjunto de conceitos e atribui a eles uma topologia linguística aferida no domínio da noção. No seio desse conjunto, figuram uma repartição do espaço em duas zonas - interior / exterior - um interior munido de um centro atrator e uma fronteira entre interior e exterior. Gomes destaca que

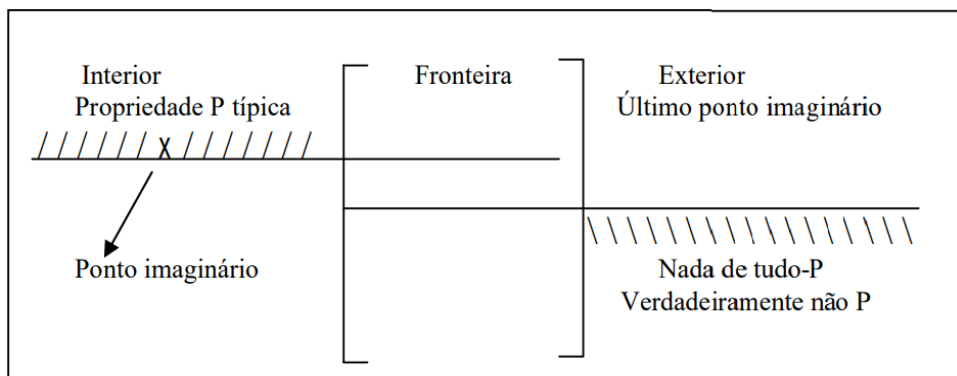
O domínio nocional é formado com base em uma projeção que cria uma abertura que tem como ponto de referência um centro, ou seja, o alto grau da noção. A partir desse centro, ocorre uma transição em que se formam gradientes por meio de estabilizações de noções (ocorrências), ou por deformações, que são as oscilações em relação ao centro (GOMES, 2007, p. 167).

Essa transição poderia, conforme Vignaux (1988) *apud* Gomes (2007), ser representada no seguinte esquema



Fonte: GOMES, 2007, p. 165.

Segundo Gomes (2007), como se pode observar no quadro acima, a noção, após ser predicada, passa por um processo de regulação até ser estabilizada e, depois, opera-se uma transição, quer seja por uma referência remetida ao centro atrator, quer tenha o centro como ponto de partida, passando por gradientes até a fronteira. Esse espaço topológico – a transição - pode ser assim representado.



Fonte: GOMES, 2007, pag. 165.

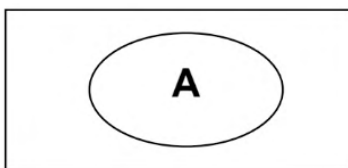
Cumprí (2008) afirma que “domínio nocional é o domínio das ocorrências de uma noção, define exatamente a centralidade dos estudos referentes aos domínios nocionais dentro da TOPE”. Simplificando ainda mais, afirma que os domínios nocionais são ocorrências possíveis e imagináveis, sendo elas identificáveis e intercambiáveis com outras ocorrências qualitativamente uniformes. Entretanto, essa uniformidade pode sofrer influência intersubjetiva, ou seja, as ocorrências, sendo identificáveis, não são semelhantes, porque todos os seres humanos são capazes de classificar e tipificar as ocorrências e não quer dizer necessariamente que esses seres humanos irão ter a mesma representação

mental.

O domínio nocional é engrenagem mental automática que trabalha identificando objetos, atribuindo valores e propriedades, montando um conjunto com referências, organizando toda essa estrutura e, por fim, criando o sentido. O estudo da vagueza, analisado de forma simples, mostra quando uma das engrenagens está ausente, deixando uma referência vazia e, por sua vez, o interlocutor tenta compensar esse erro adicionando outras informações.

Cumpri (2008) fala que, quando analisamos os domínios dentro da TOPE, temos que ter em mente que existe um centro atrator (CA) que organiza a representação mental das ocorrências através de uma visão platônica, pois utilizamos nossa atividade mental como comparativo a todas as ocorrências que temos contato.

Imagem representativa do Centro Atrator (CA)



Fonte: CUMPRI, 2008, s.p.

Cumpri (2008), tal qual Gomes (2007), também apresenta uma divisão do domínio nocional em três instâncias diferentes: Interior (onde contém todas as ocorrências que são identificáveis com o CA), Exterior (contém todas as ocorrências antônimas ao CA) e a Fronteira (contém as referências que não coincidem com o interior nem com o exterior).

Por meio de uma perspectiva matemática, Cumpri (2008) observa o CA, sendo todas as ocorrências dentro do CA a representação mental de tudo que o interlocutor considera que pertence ao A e todas as ocorrências fora do CA sendo o não-A.

Cumpri (2008) utiliza um gráfico parecido com apresentado por Gomes (2007) para analisar a ocorrência do interior do CA como a representação mental do que temos de tudo. Ao mostrar a palavra cachorro para uma pessoa, ela automaticamente assimila todas as ocorrências empíricas, antropológicas e culturais sobre a palavra cachorro na área interior do CA. Do mesmo modo, ela assimila todas as ocorrências da representação mental de tudo que não é cachorro na área exterior do CA, porém todas as informações que não coincidem com seus conhecimentos internos e externos se localizarão na fronteira e as que situam entre “cachorro” e a “fronteira” ou “não cachorro” e a “fronteira” são chamadas de gradientes. Exemplificando: Se mostrarmos a palavra cachorro com um típico cão, qualquer indivíduo irá associar a imagem à palavra. Se mostrarmos essa mesma palavra com a imagem de um elefante, o interlocutor irá dissociar a palavra da imagem. Porém se mostrarmos a palavra cachorro com uma raposa ou um lobo-guará como imagem, os

interlocutores irão mover essas representações mentais entre o interior, exterior e fronteira, baseados em seus conhecimentos e experiências. Esse é um teste simples para analisar o domínio nocional e as instâncias de referência que o compõe.

Após entendermos sobre o domínio nocional, podemos admitir que toda noção está localizada no espaço topológico de um domínio nocional. Dessa forma, a ocorrência de determinada noção (P) localiza-se em algum ponto do qual se pode referenciar o sentido, esse ponto de ancoragem é a representação típica da noção (P-típico ou centro atrator), as graduações dessa noção irão ocorrer entre o P-típico e a fronteira. Elas vão perdendo a propriedade à medida que se distanciam do P-típico até a não noção, isto é, até o espaço complementar do domínio (não P – típico). Nessa perspectiva, conforme a localização da representação dentro do domínio nocional, uma representação pode localizar em uma ocorrência que coincide com o P-típico sendo discreta, pode ser uma ocorrência entre o P-típico e a fronteira, tornando-se uma noção compacta, ou uma ocorrência localizada na fronteira, consistindo em uma noção densa. Portanto, quanto mais a noção se aproximar do P-típico, menos vaga ela será e quanto mais perto da fronteira, mais vaga. Essa constatação contribui para percebermos que há nuances ou gradientes sobre a noção de vagueza, desde palavras não vagas a palavras totalmente vagas. Assim, as noções de cada representação podem variar de acordo com o contexto, de modo que a noção de vagueza pode ser total ou parcial.

#### 4 | TIPOS DE VAGUEZA<sup>4</sup>

Todas as palavras, representações ou ocorrências na gênese do enunciado são vagas, ou seja, têm uma ambiguidade que quase sempre se desfaz na enunciação ou no contexto enunciativo. Com frequência há ocorrências (representações) ou predicados que naturalmente permanecem vagos ou com resquícios de vagueza, como, por exemplo: alto, magro, gordo, baixo, monte, cores etc. Essas palavras, mesmo sob a luz de muitas informações, ainda podem permanecer vagas dependendo do entendimento dos enunciadores.

Entendemos que há uma relação de imbricação entre palavra ou ocorrência da representação, enunciadores, contexto enunciativo e domínio nocional, de modo que podemos apreender, a partir do enunciado, as seguintes noções associadas à vagueza:

##### **A - Vagueza do centro atrator**

Trata-se da noção de vagueza apreendida no ponto considerado a representação máxima, típica de um domínio, ou seja, o protótipo convencionalizado pelos enunciadores como ponto de referência para uma noção.

Exemplo: alto .....baixo

---

4 O conceito de vagueza utilizado neste artigo e as classificações (tipos de vagueza) apresentadas são de nossa autoria. Foram criados com base em nossas abstrações.

A altura vai depender de um acordo entre enunciadores sobre qual o ponto de referência para alto para se classificar como baixo o não alto em relação àquele ponto, caso contrário a “noção alto” será vaga.

## **B - Vagueza de gradiente**

É uma noção de vagueza apreendida no domínio nocional entre o tipo e a fronteira, ancorada nos gradientes. Os enunciadores sabem do que se trata, mas não têm uma noção exata.

Exemplo: quase alto, meio bonito

A noção permanece vaga ou incompleta porque não reúne todas as propriedades do protótipo, então os enunciadores têm a noção, mas ela é aproximada, por isso é parcialmente vaga.

## **C - Vagueza da enunciação**

A vagueza está apenas na gênese de uma representação e desaparece na ocorrência. Isso ocorre com qualquer representação a ser desambiguizada pelo enunciado.

Exemplo: casa, conta; medo etc.

Temos a vagueza da enunciação quando se faz quaisquer representações sem localizá-las em um contexto. Entretanto, o sentido vago desaparece quando se apresenta a moldura enunciativa. Este tipo de vagueza não existe se ocorrência estiver inserida em um enunciado porque o co-enunciador não terá dúvida sobre a palavra ou expressão usada pelo enunciador.

## **D - Vagueza constitutiva**

A noção de vagueza ocorre porque faz parte da natureza da representação.

Exemplo: a palavra “coisa”

A palavra “coisa” é usada em um enunciado quase sempre para substituir a falta de uma noção do que não se sabe ou do que se quer omitir.

Essa classificação de vagueza não tem a finalidade de ser mais um objeto de estudo metalinguístico em sala de aula, sobretudo na educação básica. Tem a finalidade de contribuir para a compreensão de vagueza e possíveis gradientes que recobrem tal noção.

## **5 | A VAGUEZA NO DISCURSO E NA SALA DE AULA**

A vagueza, em qualquer contexto, não só é o uso de “algo” em sentenças para substituir uma palavra ou expressão mais específica que falta para o enunciador; mas também pode “alguma coisa” utilizada de forma intencional, durante o discurso, quando uma pessoa quer se evadir de responder alguma pergunta ou esconder alguma verdade. Na sala de aula, a primeira forma de encontrarmos a vagueza é na fala, tanto do professor quanto dos alunos, ou de qualquer enunciador presente naquele espaço, pois a vagueza

pode ser entendida como um dos recursos para se fazer as representações explícitas ou subentendidas nas operações enunciativas. Como destaca Chierchia,

A vagueza é muito útil do ponto de vista comunicativo. Ela permite que nos expressemos de maneira econômica e, paradoxalmente, exata, sem precisar decidir muitas coisas que seriam difíceis de decidir. Podemos dizer, por exemplo, que uma coisa é amarela e nos entendermos reciprocamente sem precisar definir explicitamente os pontos do espectro que marcam os limites em cujo interior as coisas são amarelas. Basta chegar a um acordo sobre os casos claros. Em geral, a situação de uso torna evidente que critérios estamos adotando para resolver a vagueza de um conceito. E nos casos em que isso não acontece, resta ao interlocutor a possibilidade de levantar dúvidas sobre aquilo que estamos dizendo (CHIERCHIA, 2003, p. 65-66).

E como o professor, o aluno ou qualquer enunciatador vai entender uma palavra ou expressão vaga? Dentre as operações da TOPE, destacamos duas que são importantes para se decifrar o significado de uma palavra ou expressão: a alteridade e a paráfrase. A alteridade é o movimento de colocar-se no lugar do outro para construir as coordenadas enunciativas e chegar a referência ou localização de um significado comum aos enunciatadores. Já a paráfrase é a reconstrução mental das representações do enunciatador, ou seja, em poucas palavras, a paráfrase é a habilidade de interpretar e reformular enunciados, baseados em suas ocorrências e em todos os outros referências virtualmente equivalentes de uma língua.

Nas palavras de Rezende (2008), a paráfrase é uma atividade metalinguística consciente de reformular com mudanças sutis o ato de falar e escrever, para que o interlocutor possa entender a representação mental do enunciatador. Entretanto, ao utilizar a parafrasagem e a desambiguação de forma inconsciente, desenvolve a atividade que a autora cita como Atividade Epilinguística (REZENDE, 2008, p. 97-98).

Outra possibilidade de se deparar com a vagueza na sala de aula é por meio das atividades ou exercícios de operações de linguagem, que fazem parte das atividades linguísticas praticadas pelos alunos a partir de proposições do docente, como as que apresentaremos na subseção seguinte.

### **5.1 Atividades envolvendo noção de vagueza**

As atividades apresentadas nessa subseção foram elaboradas de forma consciente ou inconsciente sob uma abordagem epilinguística, como antecipamos na introdução deste estudo. Optamos por fazer nossa reflexão a partir de atividades propostas por outros autores, fazendo nelas algumas adaptações. Escolhemos um bloco criado no século passado em 1993 e outro mais atual produzido no final de 2021, para ilustrar a atemporalidade do tema sob pesquisa. Na sequência, descrevemos as atividades eleitas para nosso estudo.



### 5.1.1 Atividades de Carneiro (1993), com Adaptações

1 - A palavra “coisa” é imprecisa, ou seja, é um termo que se encaixa em diversos contextos, mas não deixa a mensagem clara. Sendo assim, substitua tal palavra, nos enunciados abaixo, por um vocábulo que possa esclarecer o pensamento sem prejuízo para o contexto.

a. No Brasil os portugueses deixaram algumas **coisas** definitivas: o português com sotaque, a piada de português e a mulata. \_\_\_\_\_

b. Os hieróglifos compunham-se de urubus, pardais, pontas de lança e peças de relógio. Como é que eles escreviam cartas de amor com essas **coisas** é que ninguém sabe. \_\_\_\_\_

c. Como é que os descobridores conseguiam descobrir alguma **coisa** com os mapas de antigamente? \_\_\_\_\_

d. Os romanos entraram à força na festa dos sabinos e raptaram todas as sabinas, mulheres deles. Essa **coisa** de raptar mulheres dos outros lamentavelmente desapareceu para sempre. Quem lamenta mais, naturalmente são os maridos. \_\_\_\_\_

e. Na primeira viagem comercial à Lua, eu vou mandar a minha mulher. Se ela não quiser ir, vou eu. Pra alguma **coisa** tem que servir esse maldito progresso tecnológico. \_\_\_\_\_

f. Hipótese é uma **coisa** que não é, mas a gente diz que é para ver como seria se fosse. \_\_\_\_\_

Na atividade 01, Carneiro (1993) explora a noção de vagueza constitutiva. Coloca a palavra “coisa” no enunciado, evidenciando uma falta de precisão; para que os alunos, a partir do contexto enunciativo, descubram as palavras omitidas e substituídas por “coisa”. A operação de linguagem consiste em o aluno fazer uma varredura mental nas possibilidades de substituir “coisa” e eliminar a noção de vagueza do enunciado.

2 - A posição de um qualificador em relação ao nome pode modificar o sentido da frase. Nos pares abaixo, explique o sentido de cada uma das sentenças apontando qual delas expressa uma ideia mais específica e qual deixa o sentido mais vago.

I) a. O cientista era um **grande** homem.  
b. O cientista era um homem **grande**.

II) a. O príncipe não era um homem **pobre**.  
b. O porteiro era um **pobre** homem.

III) a. Sua saudade fazia-o rever os **verdes campos** de sua infância.  
b. Sua saudade fazia-o rever os **campos verdes** de sua infância.

IV) a. Tinha sempre as **certas respostas** na ponta da língua.  
b. Tinha sempre as **respostas certas** na ponta da língua.

Nessa atividade 02, o aluno precisa explicar cada contexto a partir da posição do qualificador e identificar qual das sentenças é mais precisa e qual deixa o a noção mais vaga. Carneiro (1993) explora a noção de vagueza em relação ao centro atrator do domínio nocional de cada qualificador manipulado ao lado do nome. A operação de linguagem é exatamente entender o impacto semântico que resulta da manipulação, isto é, troca de posição do determinante. Além disso, a atividade perpassa a vagueza de gradiente quando

o coenunciador, no caso o aluno, não tem parâmetros para particularizar, por exemplo, a noção de “pobre” no item II, pois ele não tem explicitado qual o valor monetário para mensurar uma pessoa rica ou pobre. Pobre para quem? Em relação a quem?

3 - Analise os vocábulos abaixo e indique aquele de sentido mais amplo.

- a. cadeira – sofá – poltrona – assento \_\_\_\_\_
- b. número – quantia – quantidade – volume \_\_\_\_\_
- c. igreja – templo – catedral – basílica \_\_\_\_\_
- d. objeto – ferramenta – utensílio – instrumento \_\_\_\_\_
- e. sargento – comandante – militar – soldado \_\_\_\_\_
- f. carro – veículo – transporte – automóvel \_\_\_\_\_
- g. casaco – agasalho – paletó – sobretudo \_\_\_\_\_
- h. via – avenida – estrada – rodovia \_\_\_\_\_
- i. padre – bispo – frei – religioso \_\_\_\_\_
- j. nome – designação – apelido – sobrenome \_\_\_\_\_

Porque a palavra que você selecionou em de cada linha do exercício tem o sentido mais amplo que as outras?  
\_\_\_\_\_

Nessa atividade 03, Carneiro (1993) explora a relação entre hipônimos (palavras de sentidos específicos) e hiperônimos (a palavra de conteúdo geral) com noção mais vaga que as outras. Aqui, há exploração da noção de vagueza constitutiva na operação de linguagem quando o aluno tem que escolher, a partir do conhecimento de mundo prévio, a palavra mais vaga em relação às outras e explicar o porquê da palavra localizada dentro do domínio.

4 - Abaixo, tem-se o início de textos diversos. Indique, em cada um deles, o termo ou palavra com sentido vago, ou seja, aquele(a) que necessita ser explicitado para que a informação fique completa ao desenvolver a ideia.

- a. A poupança é uma aplicação mais rentável. \_\_\_\_\_
- b. A seleção brasileira tem duas dúvidas de última hora. \_\_\_\_\_
- c. Quem comprou esse famigerado ingresso do show sertanejo? \_\_\_\_\_
- d. Foi o maior desastre da aviação comercial brasileira. \_\_\_\_\_
- e. O licor custou caro. \_\_\_\_\_
- f. Foi interessante o modo de o artista entrar em cena. \_\_\_\_\_
- g. O resultado do jogo foi inesperado. \_\_\_\_\_
- h. Foi a cena mais curiosa a que assisti. \_\_\_\_\_
- i. Não há dúvida de que a tevê prejudica o estudo. \_\_\_\_\_
- j. A busca policial foi eficiente. \_\_\_\_\_

Nessa atividade, Carneiro (1993) explora a noção de vagueza ancorado no atrator, em cuja operação de linguagem o aluno deve identificar a palavra que, mesmo dentro de um contexto, tem certa vagueza por falta de complemento ou de uma predicação, usando, para isso, sua noção prévia de mundo e estabelecendo mentalmente um domínio nocional para a palavra vaga a fim de lhe oferecer um contexto mais particularizado.

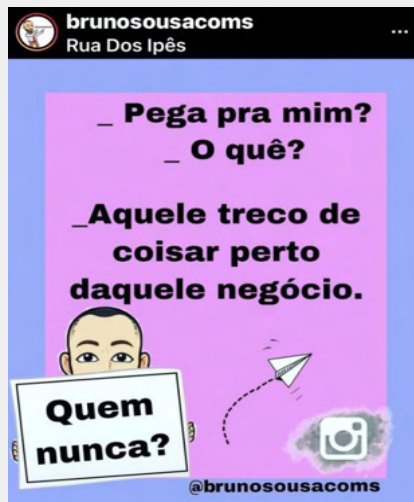
Ao observar as atividades que exploram a noção de vagueza propostas por Carneiro (1993) e imaginar as respostas, entendemos que

[...] falar uma língua significa ter uma competência, isto é, um conjunto estruturado de regras, esquemas e princípios que empregamos inconscientemente para construir e interpretar sentenças. A competência manifesta-se através do uso da língua em situações comunicativas concretas (CHIERCHIA, 2003. p. 122).

Essa competência a que se refere Chierchia pode ser analisada nas operações de linguagem, isto é, construções reflexivas sobre a própria linguagem, realizadas por cada aluno ao responder às atividades propostas.

### 5.1.2 Atividade de Sousa (2021)<sup>5</sup> - com algumas adaptações

1 - Leia o post a seguir e responda às questões que lhe seguem:



Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CLe\\_dLZFILv/](https://www.instagram.com/p/CLe_dLZFILv/)

A. No “post”, as palavras *treco*, *coisar* e *negócio* são empregadas de modo a denunciar ou indicar a região onde mora o falante e também traços peculiares de sua cultura. **Observe atentamente e sugira ao menos dois outros sentidos para essas palavras.** Pode consultar um dicionário se quiser.

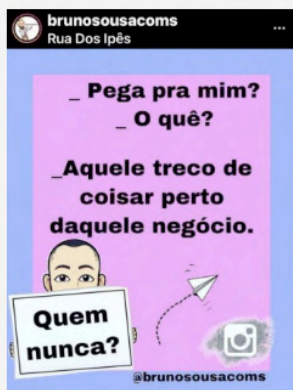
- a) Treco:
- b) Coisar:
- c) Negócio:

B. “Esqueci de coisar (**organizar**) meus matérias pra aula de amanhã”. A palavra “coisar”, assim como “treco” e “negócio” são amplamente usadas em lugar de outras mais precisas. Que outras palavras poderiam substituí-las nas frases a seguir:

- a) Minha bicicleta é muito velha, estou precisando mandar pra oficina **coisar** o pedal que quebrou. \_\_\_\_\_
- b) O som daquele **treco** me faz lembrar de bons momentos vividos. \_\_\_\_\_
- c) Por favor, pegue esse **negócio** em cima da mesa pra mim, não consigo ler nada sem ele. \_\_\_\_\_

<sup>5</sup> atividades elaboradas para a disciplina de mestrado Gramática, Variação e Ensino, do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, no ano de 2021.

Essa atividade 01 de Sousa (2021), tal qual a de Carneiro (1993) explora a noção de vagueza constitutiva. Trabalha a neutralidade semântica, ou melhor, a vagueza das a palavras “treco”, “coisar” e “negócio” em enunciados para os alunos manipularem significados a elas associados. A operação de linguagem consiste nessa manipulação, fazendo varreduras mentais e regulações, para buscar outras palavras ou expressões que atribuam sentido no lugar da noção de vagueza em cada enunciado.



CONTEXTO: Na sala de aula o professor pede ao aluno:  
 \_ Pega pra mim? (Professor)  
 \_ O quê? (Aluno)  
 \_ Aquele **caderno** (treco) de **anotar**(coisar) perto daquele **armário** (negócio), (Professor)

Observe que no contexto acima, TRECO é caderno, COISAR e anotar e NEGÓCIO é armário. Contextualizadamente, não há motivo para dúvidas, não é? Agora é sua vez, tente descobrir o significado das palavras nos seguintes contextos:

- a) CONTEXTO: Dentro de casa, a mãe conversando com o filho:  
 \_ Pega pra mim? (Mãe)  
 \_ O quê? (Filho)  
 \_ Aquele \_\_\_\_\_ (treco) de \_\_\_\_\_ (coisar) perto daquele \_\_\_\_\_ (negócio). (Mãe)
- b) CONTEXTO: Num restaurante, o Chefe de cozinha pedindo ao garçom.  
 \_ Pega pra mim? (Chefe de cozinha)  
 \_ O quê? (garçon)  
 \_ Aquele \_\_\_\_\_ (treco) de \_\_\_\_\_ (coisar) perto daquele \_\_\_\_\_ (negócio). (Chefe de cozinha).

Essa atividade 02, de Sousa (2021), é uma continuidade da atividade 01 em torno da noção de vagueza constitutiva. Propõe novos contextos enunciativos para explorar a vagueza das a palavras “treco”, “coisar” e “negócio”. A operação de linguagem para esta atividade consiste nas montagens e desmontagens, exigindo regulações para buscar a melhor representação que substitua a cada noção de vagueza em cada novo contexto enunciativo. Como destaca Rezende (2008, p. 105), “A mudança [de] cenário ou [de] coordenadas enunciativas (sujeitos, espaço e tempo) arrasta um conjunto de mudanças

nos textos. Em outras palavras, a gramática enunciativa reorganiza a parte nocional do texto, quer dizer, o seu léxico”. É esse tipo de mudança que a atividade 02 propõe.

3 - Observe a explicação feita entre as palavras REMÉDIO e MEDICAMENTO na publicação encontrada em <https://www.instagram.com/p/CS4PlubLmD7/> e reproduzida abaixo:



Esta atividade deve ser iniciada com o questionamento: Qual a diferença entre REMÉDIO e MEDICAMENTO?

Elabore na mente exemplos situações em que se usam essas palavras para saber se elas têm ou não o mesmo sentido.

Remédio vem do latim *remedium*, aquilo que cura. **Remédio** é um termo mais amplo que medicamento. Já o **medicamento** provém do latim *medicamentum*, vocábulo que tem o mesmo tema de médico, medicina, medicar, etc., e que se liga ao significado de cuidar de, proteger, tratar.

Muito bem, agora você deverá ler as frases a seguir e julgar se elas estão de acordo com o sentido das palavras REMÉDIO e MEDICAMENTO. Caso esteja incorreto o uso, reescreva de forma a torná-la adequada.

- a) O paciente faz uso de um remédio com o nome de Besilado de Anlodipino para controle da pressão arterial.
- b) O enfermeiro vai fazer a medicação do paciente, ele irá administrar o medicamento prescrito pelo médico às 14h.
- c) Ao perceber que ao filho tinha náuseas constantes, a mãe ofereceu um medicamento antigo na família. O chá de boldo resolveu o problema.

Nessa atividade 03, Sousa (2021) explora, por meio dos hiperônimos “remédio” e “medicamento”, a noção de vagueza constitutiva que só pode se desfazer dentro de um contexto. Segundo Cumpri,

Quando examinamos um termo, sempre somos amparados por um conjunto de associações que permitirá um número determinado de construções. Logo, o termo analisado jamais tem total liberdade de movimento; são os seus diferentes graus de restrição e liberdade que permitem e proporcionam diferentes construções de enunciados (CUMPRI, 2010, p. 05).

Assim, na atividade, a proposta é fazer operações de linguagem envolvendo as



109), “Palavras vagas como *poucos* ou *muitos* são extremamente úteis de um ponto de vista comunicativo. Elas nos permitem graduar a fala e dizer coisas definidas mesmo quando não existam critérios claros de demarcação”. Assim, os exercícios oportunizam tanto refletir sobre o papel semântico de cada expressão usada conforme o contexto, quanto às operações sobre a linguagem que envolvem a escolha de qual noção, ainda que vaga, recobre melhor a informação do que se quer dizer.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizarmos esta pesquisa, admitimos que passamos a entender um pouco mais sobre a noção de vagueza na língua e aprendemos como explorar tal noção no processo de ensino e aprendizagem do Português, sabendo que toda representação é vaga na sua gênese e o contexto enunciativo é que vai atribuir propriedades, na medida em que operamos a regulação para ancorar a representação a uma referência.

O estudo nos ensinou que a vagueza pode ser considerada a ausência de uma noção na representação ou na ocorrência, necessitando de uma localização específica dentro do domínio nocional. Nesse sentido, passamos a ter um campo topológico à disposição dos enunciadores, com ocorrências que, após a ancoragem, deixam de ser vagas ou se localizam em gradientes que vão até aquelas completamente vagas.

Compreendemos também que há palavras que nem no contexto ancoram-se a uma noção ou a um referente, sendo usadas como um coringa para substituir uma ocorrência ou representação do que não se quer ou não se sabe dizer; e aquelas cuja vagueza pode ser criada pelo contexto, embora aparentemente não falte nada no enunciado, cabendo, portanto, ao coenunciador resolver a incompletude.

Este artigo registra apenas uma etapa de estudo, a primeira, entendemos e temos consciência de que o tema carece de mais atenção e pode permear outras reflexões, ou desdobramentos, desta etapa, em novas investigações possíveis de ocorrer em outros níveis de estudo ao longo da nossa jornada docente.

Por fim, ao analisarmos as atividades que tratam da vagueza no contexto educativo, comprovamos que o tema deste estudo está, consciente ou inconscientemente, no dia a dia da sala de aula. Isso nos possibilitou inferir que preencher o “vago” da vagueza contribui para esclarecer pontos obscuros na leitura, favorece a exposição ou a omissão do enunciador nas suas representações e desafia a cada um de nós a desvendar os discursos que circulam na sociedade. Por mais que as atividades tenham sido pensadas para alunos, enquanto educadores, pudemos perceber a amplitude de um conhecimento quando ele, naturalmente, reverbera fora dos muros da escola.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Davi. **A teoria da demonstração científica de Aristóteles em segundos analíticos**, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-249X2020000300316&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-249X2020000300316&script=sci_arttext)>. Acesso em 08 jan. 2022.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. rev. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Texto em construção**. 2 ed. São Paulo: Moderna 1993.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

CUMPRI, Marcos Luiz. **Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual**. Araraquara, SP. 2008.

CUMPRI, Marcos Luiz. Sobre o conceito de noção: a visão enunciativa do signo linguístico. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Nº 11, Ano 9, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/35819/25515>. Acesso em 12 dez. 2021.

EHLE, Nanashara. Paradoxo de Sorites: uma reflexão semântica sobre vagueza. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 2019. Disponível em: <[https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/32479/18697/#:~:text=O%20nome%20do%20paradoxo%20de,gr%C3%A3os%20de%20areia%20\(T\)](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/32479/18697/#:~:text=O%20nome%20do%20paradoxo%20de,gr%C3%A3os%20de%20areia%20(T))>. Acesso em: 08 dez. 2021

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SEE/ CEMP, 1991.

GOMES, Antônio Carlos. **As operações de linguagem com a marca quando**. 206 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

OLIVEIRA, Mariana Lins Escarpinete. **Perspectivas semânticas em livros didáticos do ensino fundamental I: por uma proposta léxico-cultural**. Universidade Federal da Paraíba: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14994/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

OLIVEIRA, Roberta Pires. **A conjectura de Chierchia e a logicidade das línguas naturais**, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17nespp4701/43677>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

PINHEIRO, Diogo. **Homonímia, polissemia, vagueza: um estudo de caso em semântica lexical cognitiva**, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4448>>. Acesso em 03 out. 2021.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa. **Revista do GEL**. São José do Rio Preto - SP, v. 5, n. 1. 2008.

SOARES, Doris de Almeida. **Produção e revisão textual: um guia para professores de português e de línguas estrangeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Bruno Henrique Castro. Criador de conteúdo digital. Instagram:@ brunosousacom. Disponível em: <https://www.instagram.com/brunosousacom/>. Acesso em 20/01/2022.



SOUZA, José Wellisten Abreu. **Por uma semântica didática**: estudos semânticos voltados ao ensino de língua portuguesa no ensino médio. Universidade Federal da Paraíba: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9217/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

América Latina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

A origem dos guardiões 116, 117, 124, 126

Arte gráfica 130, 133, 142

Arte latino-americana 97, 98, 100, 101, 102

Autor 6, 12, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 43, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 80, 132, 136, 137, 138

### B

BNCC 29, 32, 33, 36, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

### C

Competências sociais 104, 107, 109

Criança 1, 2, 3, 13, 14, 47, 59, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 164

Currículo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 108

### D

Discurso 2, 17, 33, 43, 47, 51, 66, 81, 82, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

### E

Encobrimentos 88, 89, 90, 93, 95

Ensino 21, 22, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 55, 56, 70, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 85, 104, 105, 139, 145, 146, 169

Ensino de gramática 29

Ensino de língua materna 29, 30, 33, 37, 41, 44

Enunciado 55, 56, 57, 59, 65, 66, 68, 71, 74, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Epilinguística 54, 55, 67, 75

Escritor 17, 22, 102, 113, 117, 159

Estrutura 25, 27, 36, 42, 60, 64, 77, 80, 82, 101, 114, 124, 133, 136, 143, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 160

Estudos críticos do discurso 104

### F

Floresta 111, 130, 133, 137, 140, 141, 142, 144

Fractalização 130, 139

Funcionamento 26, 34, 35, 36, 40, 41, 43, 55, 79, 136, 141, 147, 148, 149, 150, 151, 152,

153, 155, 156, 157

## H

Historiografia linguística 17, 28

## I

Identidade 13, 46, 48, 52, 53, 56, 86, 87, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 119, 121, 126, 132, 133, 143, 144

Ideologia 17, 80, 86, 113, 115, 136, 146, 148, 149, 150, 154, 155

Ikwasiat 130, 131, 133, 134, 138

Imagem-símbolo 130

## L

Leitura 25, 29, 31, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 50, 74, 148, 149, 167

Linguagem 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 46, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 80, 81, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 159, 161

## M

Memória 21, 28, 35, 46, 49, 50, 98, 108, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 158, 161

Mimetismos 88, 90, 93, 95, 96

Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 108, 132, 140, 143

## N

Narração 1, 8, 10, 22

Narrativa mítica 130, 131, 132

## P

Política 48, 77, 79, 81, 82, 87, 97, 99, 100, 103, 105, 137, 147, 150, 153, 154, 155, 157

Práticas pedagógicas 30, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85

## S

Semântica 54, 60, 71, 75, 76, 121, 125, 131, 148, 159

Significado 6, 9, 10, 11, 16, 20, 36, 57, 58, 60, 67, 73, 116, 117, 121, 122, 126, 127, 151, 159, 160

Símbolo 8, 13, 26, 116, 117, 121, 122, 123, 126, 130, 131, 132, 133, 136, 140, 143

## T

Tempo 4, 5, 8, 9, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 41, 57, 71, 80, 89, 97, 99, 100, 112, 116, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 151, 157, 162, 163,

164, 165

Tradução 1, 2, 5, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 26, 27, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 122, 123, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 140, 144, 159, 160, 161, 162

## V

Vagueza 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 163

Vanguardas 97, 100, 103

Veado 130, 133, 138, 139, 140, 141, 142

Vulnerabilidade social 104, 106

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2022